

Festa do Divino em Mogi das Cruzes: o percurso da Fé e a conquista do alimento santificado

Luci Bonini

UMC - GRUPPU

Eliana Meneses de Melo

UMC- GRUPPU

Resumo

Com olhar voltado às manifestações culturais populares, o estudo avalia o percurso do sagrado em território urbano onde a tradição recorta caminhos possíveis entre as novas edificações, alterando o cotidiano da cidade, as antigas canções constroem diálogos com o presente em cerimoniais de Fé no Divino Espírito Santo. Contemplando as representações simbólicas, analisam-se as etapas que formam o percurso semiótico que tem início com a evocação da Santidade, a personificação da Fé no sujeito participante e a trajetória ritualística, que comina na saciedade do corpo pelo alimento. A novena ao Divino Espírito Santo caminha pelas ruas desde as cinco da manhã até às seis, quando então, os devotos se alinham em fila diante do salão paroquial para o café, alimentando o corpo depois de ter alimentado a alma rezando e cantando a Coroa do Divino. Revestido pelo sagrado, o sentido do gosto expressa a fechamento da manifestação e situa o sujeito participando no nível de servidor da fé, que, após o justo trabalho, é merecedor do sagrado alimento. O que se observou foi que embora os componentes da festividade façam parte da tradição do evento, o alimento servido dialoga diretamente com o contemporâneo. Neste sentido o gosto adicional está contido na crença no sagrado e nos ritos. Por fim, o estudo de natureza interdisciplinar foi realizado privilegiando a Semiótica. É o resultado desta leitura que se pretende apresentar.

Palavras-chave

semiótica, cultura popular, territorialidade, Festa do Divino

Apresentação

Pesquisas em semiótica se destacam entre as que buscam elementos reflexivos nas fronteiras entre as disciplinas. Diversos olhares realizam percursos que vão da estética e das pesquisas nas ciências sociais e políticas, de forma que se possa descobrir como diferentes áreas iluminam pontos sobre a vida em sociedade. Quando se tem o interesse investigativo votado para as manifestações culturais populares, a multiplicidade das produções populares são reveladores das dimensões subjetivas nas quais encontramos o humano traduzido em seus valores em um diálogo constante com a natureza, com o profano, com o sagrado.

Este estudo abarca as manifestações populares no universo das Políticas Públicas, ao ter como *corpus* a Festa do Divino em Mogi das Cruzes, visa essencialmente o patrimônio cultural que ao mesmo tempo em que preserva tradições, alia-se ao urbano em desenvolvimento. Em essência, é o humano nas delimitações do território cultural aliado ao universo religioso que demarca os caminhos trilhados nesta pesquisa.

Qual o gosto no universo do sagrado? Por quais caminhos o gosto se sacraliza? O permitido e proibido manifestam-se nos rituais da Festa do Divino? Em busca das emanações de sentido voltadas ao gosto, o recorte escolhido foram os cantos das rezadeiras realizados no período que antecede o principal dia da festividade. As marcas temporais recaem sobre a alvorada, antecedendo o espaço destinado ao café da manhã santificado pelo evento em sua complexidade.

O discurso da festa e a festa enquanto discurso conduziram as leituras a serem expressas neste artigo. Entre as características das linguagens humanas está a intercomunicação entre os diferentes universos de discursos que se configuram como uma rede sistêmica de sentidos produzidos nas convergências e conexões das diversidades culturais, sociais. A cultura, assim como a linguagem, se entretetece de signos que se alimentam, ao longo de eras, de inúmeros significados. Para além dos interdiscursos



intensificados pelos aparelhos tecnológicos contemporâneos, faz parte da cultura e da evolução humana a criação e a recriação. Discursos se sobrepõem, negam-se, afirmam-se, transformam-se nas dinâmicas sociais.

1. Cenário ambulante e o patrimônio imaterial

As heranças imateriais são dignas de preservação porque estão ligadas à identidade de uma nação, de uma região ou de uma comunidade. No caso da Festa do Divino Espírito Santo no Brasil, muitos são os fazeres nas diversas celebrações ao longo de todo território nacional que merecem ser tombados como patrimônios, antes que a cultura de massa anule completamente as diferenças.

Esta festa originária de Portugal se espalhou pelo Brasil e, em cada região, foi adquirindo singularidades que fazem de cada uma delas uma celebração que conserva as mesmas vibrações religiosas da fé, por um lado, e por outro, tão diferentes em seus fazeres e saberes.

Em Mogi das Cruzes, cidade localizada na região do Alto Tietê do estado de São Paulo, a devoção ao Divino Espírito Santo é a mais antiga do Brasil, documentos encontrados nos arquivos da Câmara Municipal demonstram que em 1613 a população da Vila da Senhora de Santa Ana, já mantinha a devoção por ocasião da celebração de Pentecostes (CAMPOS, 2013).

Entre os vários eventos desta festa, alguns já foram objetos de pesquisas mais profundas como é o caso da Entrada dos Palmitos, uma procissão que serpenteia pelo centro da cidade na véspera do dia de Pentecostes, com milhares de devotos segurando suas bandeiras, carros de boi enfeitados e inúmeros grupos folclóricos que agradecem as graças recebidas. Esta procissão foi alvo de visita do escritor e defensor da cultura brasileira Mario de Andrade no ano de 1936. (RODRIGUES F^o & DE CARLO F^o; s/d).

Este estudo preliminar faz parte de um projeto de pesquisa que busca inventariar as referências culturais da região do Alto Tietê, suas festas



folclórico-religiosas, entre as quais se destaca a Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes, de modo que este registro seja uma forma de convidar a uma reflexão mais profunda sobre a importância dos registros do patrimônio imaterial das expressões folclórico-religiosas da região em questão para o fortalecimento de políticas culturais adequadas de preservação da memória coletiva.

As discussões sobre patrimônio imaterial no Brasil ainda são recentes. As preocupações mais antigas com a herança cultural são aquelas ligadas aos bens materiais, já que seus valores podem ser mais facilmente percebidos.

Para KUUTMA (2009) o debate sobre a preservação de bens imateriais é recente e vem crescendo de forma global, porém, faz emergir uma contradição, pois a herança cultural imaterial é uma abstração e por isso mesmo está sujeita ao caráter subjetivo que cada legado tem para os sujeitos. São diversas interpretações possíveis diante de fazeres e saberes, e, cabe aos pesquisadores decidirem quais devem ser preservadas, o que não é tarefa fácil. O autor ainda afirma que a expansão da preocupação com a preservação do passado e com o legado patrimonial popular vem num movimento crescente desde que veio a lume A Convenção para proteção do patrimônio mundial cultural e natural na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, (UNESCO), de 1972, e depois de três décadas, em 2013, com A Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Segundo o Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico, IPHAN:

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” Esta definição está de acordo com



a **Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

A herança é o produto de um emaranhamento temporal: embora haja um apelo ao ‘enraizamento diacrônico’, a concepção de sua salvaguarda é um produto novo: é o presente pensando de que forma o futuro vai ver o passado preservado (KUUTMA, 2009).

Por ser novo é carregado de significados contemporâneos e ideologias que despejam novos olhares recheados de novos valores e reificados com a intenção de manifestar a etnicidade, a localidade, a história e as políticas culturais envolvidas no processo de catalogação, de armazenamento, descrição etc., de algo que já surgiu num tempo remoto, que pode estar em extinção ou não, que vem sendo valorado com o olhar de agora.

Recentemente a defesa de valores como qualidade de vida, proteção do meio ambiente e a preservação de referências culturais passou a ser entendida como direito do cidadão, pois por meio das garantias de preservação dos bens culturais é que grupos, antes sem voz própria, começam a ter reconhecidos seus direitos de preservar seu sentimento de pertencimento. (FONSECA, 2000)

Por isso, a herança cultural, para KUUTMA (2009), só se torna real quando alguém a identifica como tal. Assim, o que é intangível passa a ter importância para alguém que mantenha um olhar mais atento e mais especulativo aos fenômenos culturais. As questões culturais têm sido objeto de pesquisa sob vários aspectos: antropológicos, sociológicos, psicológicos, semióticos, museológicos, folclóricos e por causa disto mesmo, é que entendemos que este recente despertar para os estudos ligados à questão da herança cultural é um desafio multi e interdisciplinar. Várias áreas do conhecimento têm concorrido para o debate acerca das políticas de cultura no mundo, uma vez que já se sabe que a evolução das sociedades, altamente influenciadas pela cultura de massa, vem sufocando certas práticas rituais e muitos fazeres: alguns beiram à extinção, outros

já desapareceram e nem mesmo uma memória dos mais velhos pode, sequer, recuperar.

A massificação desenfreada que ocorre no ocidente vem contaminando lentamente outras culturas e práticas de consumo oferecidas pela industrialização, mais ‘higiênicas’, menos duradouras e mais ‘espetacularizadas’ e que chamam mais atenção do que certas práticas consideradas antiquadas pelos mais jovens, adeptos das tecnologias que oferecem uma gama de produtos culturais efêmeros e plenos de significados das culturas desenvolvedoras destes produtos. Há um medo crescente de que as culturas ao redor do mundo venham a se tornar mais uniformes, justamente por causa da globalização, que por seu turno vem conduzindo, lentamente a uma diminuição da diversidade cultural e da riqueza que advém dela. (PIETROBRUNO, 2009)

Diferentemente destes bens culturais passageiros, as heranças culturais, sejam materiais ou imateriais, falam de um lugar, trazem um sentimento de pertencimento, por isso, o primeiro passo para preservá-las é ativar nos representantes das comunidades a sua importância, pois só assim, cria-se uma responsividade pública que alerte as autoridades para sua preservação.

FONSECA (2000) afirma que para que se protejam as referências é necessário conhecer, identificar suas características mais evidentes, adentrar seus detalhes e suas características intrínsecas. Enunciando-se, assim os detalhes, as minúcias, a fim de preservar traços culturais. Quando se trata de preservar traços de cultura, também, se trata de demonstrar poder, da mesma forma que na medida em que uma comunidade demonstra sua vontade de perpetuar seus saberes, ela está sob uma ótica política de poder, é uma resposta responsável às autoridades políticas para a reafirmação do seu sentimento de pertencimento.

Os desejos da comunidade vêm referendando a proteção dos bens culturais por duas vertentes: a primeira delas é a vontade de pesquisadores



de preservar certos fazeres e saberes e daí estimulam as comunidades a participar de pesquisas onde há relatos de vida, da mesma forma que esses intelectuais e pesquisadores ficam encarregados de construir e gerenciar museus, e, uma segunda vertente que é aquela em que líderes dessas comunidades percebem que a cada dia que passa, certos saberes despontam interesses econômicos ao redor do turismo, e que isso produz uma economia local que pode salvaguardar não só os bens culturais como prover recursos, mudar a economia de uma determinada localidade, como vem acontecendo no país.

FERRETTI (2005) afirma que identificar um repertório de manifestações culturais que merece ser alcançado pelas políticas de salvaguarda, por ratificarem o amplo sentido da diversidade cultural do país e a identidade étnica desses grupos é de extrema importância e o Brasil, embora venha se preocupando de modo geral, tem ainda um grande caminho a percorrer, dada a diversidade fazeres espalhada por todo o território nacional. O que se percebe num olhar mais rápido sobre as pesquisas é que, na maioria dos casos, há um jogo de interesses quando da escolha do que é prioridade, ou melhor, é difícil escolher quais são os bens merecedores de salvaguarda.

2. O percurso do espetáculo e as rezadeiras: os sujeitos na construção do sagrado

A devoção ao Espírito Santo tem suas origens em Portugal, com a Rainha Isabel, esposa de D. Diniz (1261-1325), com o viés da caridade e do agradecimento pelas graças recebidas, à fartura. Para Mariano (2005; 99): “Mesmo subordinada à religião católica, a festividade mantinha o caráter de culto dos vegetais e à natureza, incorporada, entre outros momentos, nas homenagens ao Divino Espírito Santo.” Este é apenas um exemplo de outras celebrações católicas que sufocaram festas e comemorações pagãs na Europa.



A Festa do Divino de Mogi das Cruzes tem características próprias (ARAÚJO, 2004), pois vem se mantendo há mais de um século com características bem demarcadas, ainda que dentro de uma cidade que esta bem demarcada pela verticalização e com forte influência da mídia, que, no contexto atual, transformou a festa num espetáculo midiático bem conhecido na região do Alto Tietê.

Campos (2013) aponta que em 1613, a cidade de Mogi das Cruzes já cultivava a devoção ainda na categoria de Vila de Santa Ana de Mogi Mirim, pois um documento oficial da câmara revela que os moradores deveriam se dispor a arrumar o caminho de entrada da vila, depois do Espírito Santo.

Esta festa é um evento que dura dez dias e termina no domingo de Pentecostes, mas não é só isso. Há uma série de eventos que precedem estes dez dias, entre eles as coroas do divino, uma reza que visita a casa dos devotos e se estende do mês de janeiro até a semana que precede a festa. As rezas têm dois objetivos: i) preparar os devotos para a celebração maior e ii) buscar fundos para auxiliar as despesas da festa.

Como as muitas festas populares, esta não é diferente, pois apresenta uma divisão de atividades, que podem ou não trazer provisionamento de fundos, que podem ser folclóricas ou religiosas, nosso foco está nesta última.

A festa de Mogi das Cruzes é uma das maiores e mais antigas do Brasil, e como todos os grandes eventos que atualmente interferem na estrutura econômica e turística de uma localidade, fez emergir a Associação Pro Festa do Divino, formada por ex-festeiros com o objetivo de auxiliar os mais jovens. Acompanhando a modernidade, a organização criou um site na internet onde divulga algumas ações e notícias veiculadas pela mídia. Embora esta fonte de informação não venha sendo atualizada constantemente, é possível encontrar dados históricos, notícias e endere-



ços úteis que fundamentam os eventos folclóricos e religiosos que juntos fazem a festa.

Segundo o site da associação, a festa se compõe dos seguintes eventos: preparativos e abertura da festa, alvoradas e passeatas, quermesse, entrada dos palmitos e procissão. Os preparativos vão desde a escolha dos festeiros para o ano seguinte, tão logo se encerre a festa, promovem-se eventos mensais para angariar fundos um deles é a pré-novena que acontece no segundo domingo de cada mês, com a Coroa do Divino com as rezadeiras, na casa da festa, como é conhecida a sede da Associação. Neste evento mensal, que tem início em Agosto, logo após a reza, é servido um café e realiza-se um bingo. Há também pré-novenas nas casas dos devotos. As rezadeiras vão Há também pré-novede casa em casa, orando e recolhendo os pedidos dos devotos e captando doações.

A abertura da festa se dá 10 dias antes do domingo de Pentecostes, numa quinta feira com a passeata das bandeiras que inaugura o Império, altar construído na praça principal da cidade em frente à catedral, para onde todos os devotos se dirigem a fim de receberem as bênçãos em suas bandeiras, durante os dez dias que seguirão o Divino Espírito Santo reinará na cidade.

Nas madrugadas que seguem acontecerão as Alvoradas, uma procissão que começa às cinco horas da manhã partindo do Império e caminhando pelas ruas da cidade, durante a semana, este evento atrai em torno de 500 a 800 pessoas, já nos finais de semana e no Domingo de Pentecostes, há em média 1200 pessoas, calculados pelos organizadores do café, que é distribuído no salão paroquial, tão logo termine a procissão. Durante as Alvoradas reza-se a Coroa do Divino, mesma oração entoada pelas rezadeiras. Para cada dia são convidados os puxadores da reza, que são pessoas e organizações ligadas à festa. Como o número de pessoas vem aumentando ao longo dos anos providenciou-se um carro de som para que todos ouçam e respondam a oração.



2.1. Rezadeiras: emanações femininas na Festa do Divino

A presença e valorização do universo feminino nas manifestações populares são recobertas pelo lugar permitido e pela conquista construída a partir da respeitabilidade conquistada na comunidade. O saber/poder dialogar com a universo mágico de forma mais intensa que os demais legitima o feminino no sagrado popular . Assim são as rezadeiras e a forma como elas empreendem o fortalecimento da fé dos devotos, captam recursos para auxiliar nas despesas da festa e como se desdobram nas suas atividades nos quase cinco meses que antecedem a festa que movimenta, mais de duzentas mil pessoas, entre turistas, devotos e voluntários.

A história das rezadeiras é recente em relação às outras atividades que se desenrolam na festa do Divino de Mogi das Cruzes. Suas atividades surgiram no ano de 1974 a pedido de uma das voluntárias da equipe que servia o café na casa paroquial, depois das alvoradas. (CAMPOS, 2013)

No dizer de COSTA & CASTRO (2008:128):

Patrimonializar uma tradição local atribuindo a ela importância de relevância nacional para a construção da memória, da identidade e da formação da sociedade brasileira por mais venerável que seja é, de certa forma, expropriar as experiências vivenciadas possibilitando que esses saberes não mais se vinculem às paixões individuais que os mantêm vivos no interior do seu grupo portador.

Por esta razão, este trabalho procura descrever e avaliar o saber-fazer das rezadeiras gerando conhecimento a respeito de sua existência a importância no contexto da festa, porque, embora recente, este patrimônio imaterial é uma referência cultural que partiu de um representante do povo, uma devota que obteve autorização do Bispo, em 1974, para levar a imagem do Divino às casas de outros devotos.



A atitude de D. Rita se espalhou, e, alguns anos depois, em 1989, às pessoas que já rezavam o terço, passaram a fazê-lo com apenas sete ave-marias, uma para cada dom atribuído ao Espírito Santo (CAMPOS, 2013).

SANTOS & REGATO (2010:25) assim descrevem a precursora das rezas:

Dona Rita, que faleceu em outubro de 2008, foi uma das precursoras dos grupos de rezadeiras – antigamente formado só por mulheres, mas, que hoje também admitem homens. Orgulhava-se de nunca ter deixado de participar da festa durante toda sua vida. Segundo ela, que nunca revelou a idade, eram as andanças, orando de casa em casa, que renovavam sua fé no Divino e, principalmente no ser humano.

Dois anos depois se criou a Reza comunitária do Terço do Divino Espírito Santo, com um texto que enfatizava os sete dons e na conta maior rezava-se: *“Oh Maria, que por obra do Divino Espírito Santo, concebestes o Salvador, rogai por nos!”*. A prática estendeu-se pelos bairros da cidade, havia os pedidos dos devotos para a realização das rezas ou em função da festa que estava por vir ou para agradecer as graças recebidas.

A relação que se estabelece entre Deus e os homens sempre vem intermediada pelas orações ou pelas rezas. O verbo rezar, etimologicamente vem do latim – *recitare*, que por sua vez denota falar em voz alta, de modo claro e cadenciado. Justamente a tarefa das rezadeiras: puxar a reza de todos que querem em uníssono pedir ou dar graças ao Espírito Santo.

Em 1993, uma das rezadeiras e voluntárias da festa, Amália Manna de Deus, cujo nome batizou um dos museus da cidade, numa viagem para Minas Gerais, aprendeu a Coroa do Divino, trouxe para Mogi das Cruzes e apresentou ao bispo. A reza foi autorizada oficialmente, a partir de então todos os anos, os folhetos são impressos em papel *couche* vermelho, que traz na capa que o logo da festa, os nomes do casal de festeiros e do casal de capitães do mastro, na contra capa vem uma palavra do bispo, na quarta capa, vêm o endereço da página na web da Associação Pro Festa do Divino.



As primeiras páginas trazem as sete divisões da coroa, uma para cada dom do Espírito Santo, e em seguida aparecem outras orações que podem ser feitas escolhidas pelas rezadeiras ou pelos donos da casa que as recebe. Algumas letras de música também acompanham as orações, são músicas conhecidas entre os devotos que entoam as canções ao final da coroa.

A coroa do Divino leva este nome em homenagem ao símbolo real, memória de sua origem portuguesa, e é uma oração, em parte cantada, em parte recitada. Algumas partes apenas pelas rezadeiras, outras por todos os presentes, neste percurso percebem-se as dimensões coletivas e individuais bem demarcadas pela hierarquia entre a rezadeira/rezador, pessoa escolhida pelas suas virtudes, pelas suas constantes presenças como voluntários dedicados à festa, exatamente como manda a tradição. São os voluntários mais devotados que recebem a missão de ser rezadeira ou rezador.

Em 2013, quando se celebraram os 400 anos de devoção, a missa do envio das rezadeiras, que acontece sempre em janeiro, contava com quase cem membros. Do mês de janeiro até uma semana antes da festa elas agendam suas visitas nas casas dos devotos, que o fazem com antecedência com a rezadeira.

3. Linguagem, alimento: a configuração do gosto

O universo da religiosidade contempla em si o sagrado e um alto nível de simbolizações. O sagrado, o mítico elo entre o divino e o humano composto por signos intermiados nas práticas do cotidiano e os espaços de rupturas. O alimento no espaço do sagrado conduz o pedido, o sentido materializado da fé no não visível. Neles há um diálogo com o cotidiano na medida em que conduzem substâncias das celebrações.

No contexto do gosto no universo do sagrado observa-se a presença de dois eixos o gosto afirmado na celebração diante do não visível e a au-



sência do gosto para ter proximidade com o divino No caso das festas populares fundadas na religiosidade, o gosto é motivado na dimensão da alegria ,da felicidade. O alimento é resultado de uma conquista, após o trabalho: *ganhar o pão*.

Barthes (2003,p.208/9) analisa o alimento em três níveis: *os ritmos, as substancias, as práticas*. Nestes termos destaca os horários das refeições nas comunidades, os alimentos proibidos (o interdito no alimento). A circularidade desses elementos atuam na formação do gosto, ou de uma semiologia para este estudo, nos termos de Barthes:

O sujeito leitor ouvinte tem uma relação diferenciada com as palavras e função de seus referentes. Esta seria uma via de pesquisa da filologia ativa, desejada por Nietzsche: filologia das forças, das diferenças, das intencionalidades. (op,cit,p.208)

Assim, o alimento em termos simbólico tem um percurso que passa por três universos de discursos: o discurso construído a partir do natural que se reveste em religioso e que se transfigura com novos traços de sentido motivados a partir das aparências sociais, fator que carrega o gosto em polissemias. Uma vez que o gosto carrega em si marcas do discurso afetivo construído a partir do contexto de ocorrência gerador de subjetividades .

Na Festa do Divino, o café teve seu cardápio formado a partir de doações e acompanhou o próprio crescimento do café como parte integrante do evento. Foi o gosto popular que trouxe o bolo de fubá, o pão, a mortadela, o bicoito cangalhinha. Subverte aspecto rítmico da alimentação na medida em que se situa no pós trabalho: trabalho religioso, sagrado. Portanto a denotação da metáfora “ ganhar o pão de cada dia”. Em termos de linguagem, uma desconstrução metafórica.

Um dos elementos aparente contraditórios nas manifestações culturais reside no contraditório assinalado no par *conservação/mudança*. Parte definidora do estatuto discursivo das festas populares, a presença do *outro*,

realimenta o processo discursivo de tal forma que gera modificações, seja pela presença do turista, seja pelos elementos midiáticos em circulação. No caso de Mogi, a alimentação /realimentação também é observada, mas de uma tradição a outra.

Em 2013, quando se celebraram os 400 anos de devoção, a missa do envio das rezadeiras, que acontece sempre em janeiro, contava com quase cem membros. Do mês de janeiro até uma semana antes da festa elas agendam suas visitas nas casas dos devotos, que o fazem com antecedência com a rezadeira mais próxima da sua casa. As rezadeiras da festa do Divino de Mogi das Cruzes fazem o trabalho preparatório para a realização das promessas.

A oração, objeto de análise, é dividida em três partes: o rito inicial, os pedidos pelos dons do Divino Espírito Santo e o rito final. O rito inicial contém as invocações ao Divino, em seguida faz-se a leitura do Evangelho do dia, não havendo necessidade de interpretações, todo este ritual contém falas da rezadeira e dos devotos.

A segunda parte é composta de sete orações, cada uma se refere a um dom, e ela está dividida numa invocação cantada por todos, numa fala individual, por um leitor convidado pelo dono da casa ou pelo próprio dono, e a fala conjunta, em que todos irmanados, se concentram e se preparam para seus pedidos e agradecimentos. Para compor este ritual, normalmente a rezadeira pede ao dono da casa que escolha entre os presentes os leitores para os dons e para as invocações à Maria. Normalmente quem recebe as tarefas de leitores, sentem-se honrados pelos donos da casa.

Assim se divide esta parte:

1º Mistério: Dom da Sabedoria, onde todos entoam o cântico:

Cântico: ‘Senhor, vem dar-nos sabedoria, que faz ver tudo como Deus



quis, e assim faremos da Eucaristia o grande meio de ser feliz. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!’

Em seguida o primeiro leitor, lê a explicação sobre o dom da sabedoria, explica que sua cor é o azul claro e pede:

Leitor no. 1: ‘Vinde Espírito da Sabedoria, desprende-nos das coisas da Terra e infundi-nos o amor pelas coisas do céu.’

Todos repetem por sete vezes:

Vinde Espírito Santo, enchei os corações de vossos fieis e acendei neles o fogo do vosso amor, vinde e renovai a face da Terra.’

Ao final, todos dizem:

‘Oh Maria, que por obra do Espírito Santo, concebestes o Salvador, Rogai por nos!’

Na sequência vêm os outros mistérios, cada um apresentando o pedido de um dom e as jaculatórias que se repetem:

2º Mistério

Cântico: ‘Dá-nos, Senhor, o entendimento, que tudo ajuda a compreender para nós vermos como é alimento o pão e o vinho que Deus quer ser. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!’

Leitor no. 2: Vinde Espírito de Entendimento, iluminai a nossa mente com a luz da Eterna Verdade e enriquecei-a de puros e santos pensamentos.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...



3º Mistério

Cântico: ‘Dá-nos, Senhor, o teu conselho, que nos faz sábios para guiar: homem, mulher, jovem e velho, nós guiaremos ao santo altar. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!

Leitor no. 3 Vinde Espírito de Bom Conselho, fazei-nos dóceis às Vossas santas aspirações e guiai-nos no caminho da salvação.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...

4º Mistério

Cântico: ‘Senhor, vem dar-nos a fortaleza, a santa força do coração. Só quem vencer vai sentar-se à mesa: para quem luta Deus quer ser pão. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!

Leitor no.5: Vinde Espírito de Fortaleza, dai-nos força, constância e vitória nas batalhas contra os nossos inimigos espirituais e corporais.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...

5º Mistério

Cântico: ‘Senhor, vem dar-nos a divina ciência, que como o eterno, faz ver sem véus: Tu vês por fora, Deus vê a essência, pensas que é pão, mas é nosso Deus. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!

Leitor no.5: Vinde Espírito de Ciência, sede o Mestre de nossas almas e ajudai-nos a praticar os Vossos santos ensinamentos.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...



6º Mistério

Cântico: ‘Dá-nos, Senhor, filial piedade, a doce forma de amar enfim: para que amemos quem na verdade, aqui amou-nos até o fim. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!’

Leitor no.6: Vinde Espírito de Piedade, vinde morar em nossos corações, tomai conta deles e santificai todos os seus afetos.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...

7º Mistério

Cântico: ‘Dá-nos, enfim, temor sublime, de não AMÁLOS COMO CONVÉM: O Cristo-Hóstia, que nos redime, o pai celeste, que nos quer bem. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!’

Leitor no.7: Vinde Espírito do Santo Temor de Deus, reinai em nossa vontade e fazei que estejamos sempre dispostos a antes sofrer e morrer que Vos ofender.

Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)

Ó Maria, ...

Encerrada esta segunda parte, vem o rito final, onde há as três invocações a Maria, Oração ao Divino Espírito Santo, a oração do Pai Nosso e a oração final.

3.1 Do rito ao café: o gosto nas dimensões do pão

O cântico em análise se apresenta como discurso vocativo. É um chamamento à Jesus, configurado em relação metonímica na qual o pão é Jesus, posto ser ele o alimento. O pão é o alimento básico, se é Jesus, o



alimento é desprovido do gosto terreno da saciedade dos sentidos gustativos. Remete ao gosto por estar vivo através e em Jesus. Neste caso, há uma outra estância de sentido para onde se desloca o prazer.

O café da manhã, após a caminhada e cânticos da alvorada, atua como a materialidade do simbólico. Celebração e Festa, não nos termos dionisíacos, mas sim no sentido cristão da comunhão. Compartilha-se o alimento por todos consagrado e que traz para o tempo do café a presença de Jesus.

Ao gosto terreno é somado o sagrado. O cheiro do café domina o lugar, o pão quente atua como um sujeito personificado que chama todos para a comunhão. O prazer se manifesta na satisfação do dever cumprido que envolve de legitimidade o alimento.

Considerações finais

Revisitar o território do sagrado a partir das festas populares, faz com que o pesquisador esteja presente a muitas possibilidades de leituras. A Festa do Divino em Mogi das Cruzes se situa no amplo cenário da diversidade cultural brasileira. O recorte aqui apresentado é apenas um demonstrativo desta riqueza. Canções religiosas são formadas por elementos simbólicos que se repetem, posto serem representativos de uma visão de mundo que se reafirma a partir dos símbolos ritualísticos. Em outros termos: o discurso religioso é um discurso conservador.

Por outro lado, apesar de conservador, é um discurso dinâmico. Reside, portanto, nas mudanças sociais a inovação na materialidade dos signos na elaboração da significação. As referências culturais aqui descritas, levam a outras reflexões sobre a herança imaterial que cada uma leva junto de si: os cânticos, as entonações de vozes, a escolha de vozes para complementar ou modular os tons, a escolha das músicas, cantadas ou tocadas eletronicamente, as diferentes concepções na criação dos alta-

res, dos terços de sete mistérios e das bandeiras que complementam os rituais.

As referências culturais imateriais ou intangíveis não são peças acabadas de museu, são, sim, organismos vivos, em constante processo de mutação, dada a singularidade de cada um, de seus aprendizes e sucessores que se renovam e se recriam nos rituais, nos objetos e nas orações, mesmo, pois na história das rezadeiras vê-se que elas chegaram a um modelo anos depois de a ideia ter sido colocada em prática, foi um constante movimento para se chegar a um padrão de texto, vozes e papéis que cada um dos presentes desempenha no ritual e isto não cabe como peça de museu.

O registro destes bens deve ser constante, ser realizado diferentemente do que vem sendo feito com o patrimônio material, não se pode quantificar celebrações, ofícios, formas de expressão e modos de fazer porque se corre o risco de separá-los do fenômeno complexo de que fazem parte. Há que se considerar que novas formas de registro e armazenamento destas informações, assim como profissionais preparados para lidar com novos métodos de catalogação, descrição e armazenamento, para que se dê o devido trato na divulgação destas referências. Tradições orais, práticas sociais, saberes e fazeres que representam a identidade de uma comunidade, que mantêm um sentimento de pertencimento precisam ser preservados.

Referências

ARAÚJO, A. M. R.C. *A cultura e a memória da festa do Divino de Mogi das Cruzes*. Proj. História São Paulo, (28). 2004. 419-423

ASSOCIAÇÃO PRO FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. www.festadodivino.org.br

BARTHES, R. *Como viver juntos*. Trad. Leila Perone- Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003

CAMPOS, J.F. (Org. e Dir.) *O Divino em Mogi*

das Cruzes: quatrocentos anos de devoção, aspectos históricos e iconográficos. Mogi das Cruzes: Associação pro festa do Divino Espírito Santo. 2013.

CHAVES, R.B. *Festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes*. *Rev. Nures*. Pontifícia Universidade Católica SP. n. 15 mai/ago 2010

COSTA, M.L. & CASTRO, R.V. Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias



- ou construindo historias? *Estudos de Psicologia* 13(2), 125-131. 2008.
- COROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. *Folheto da Festa do Divino 2013*. Mogi das Cruzes: Associação pro festa do Divino Espírito Santo. 2013.
- FERRETTI, S. F. *Catálogo da exposição Divino Toque do Maranhão*. Rio de janeiro: Centro Nacional de Folclore e cultura Popular/ IPHAN/MEC. 9-2. 2005.
- FONSECA, M. C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In. *O registro do Patrimônio Imaterial*. 2000. In: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3305>. Acesso em 14.07.2012
- GONÇALVES, J.R.S. & CONTINS, M. Entre o divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan/jun 2008
- INVENTARIO NACIONAL DE REFERENCIAS CULTURAIS: *Manual de aplicação*. Apresentação de Celia Maria Corsino. Introdução de Antônio Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2000. <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorn o=paginaIphan>. Acesso em: 12/07/2013
- KUUTMA, K. Cultural heritage: na introduction to entanglements of knowledge, politics and property. *Estonian Literary Museum*. University of Tartu. Vol. 3(2): 5-12. 2009.
- MARIANO, N.F. O Divino de Mogi: uma festa tradicional na metrópole. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo. 1-26. Mar de 2005.
- _____. *Religiosidade popular e espetáculo: a Festa do Divino de Mogi das Cruzes – SP*. Cadernos CERU, serie 2, v. 9, n.º. 2. 93-111. Dez 2008.
- _____. De todas as cruzeiras de Mogi – O Divino Espírito Santo também faz festa em Biritiba Ussu. *XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*. São Paulo. 8575-8588. 2009
- MOGI NEWS. *Rezadeiras querem visitar 2 mil famílias*. Jornal Mogi News. 13/04/2010
- PIETROBRUNO, S. Cultural research and intangible heritage. *Cultural Unbound*. J of Current Cultural research. Vol.1 2009: 227-247
- O DIÁRIO. *Rezadeiras levam fé às casas*. 27.05.2009
- RODRIGUES Fº, J.M. & Fº DE CARLO, J. *Das origens à Festa do Divino*. Mogi das Cruzes SP. s/d
- SANTOS, L. & REGATO, R. *Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes: três séculos de tradição*. São Paulo: Ed. dos Autores. 2010
- SCHMIDT, C. Sabores populares na mídia do Alto Tietê. *RIF* Vol. 10(20), Ponta Grossa. PR. 21-43. 2012.
- SOUZA Fº, B., ANDRADE, M.P. Patrimônio imaterial de quilombolas – limites da metodologia de inventario de referências culturais. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Ano 18, no. 38, 75-99. jul/dez 2012